

60 anos do assassinato de Wilhelm Reich

Alexandre Magno Teixeira de Carvalho

Há 60 anos, aos 60 anos, em 3 de novembro de 1957, parou de bater o coração de um homem que amei profundamente, embora eu tenha nascido 6 anos após a sua morte.

Chorei com ele quando da morte trágica de sua mãe, tremi quando ele se apresentou para cumprir o serviço militar na I Guerra Mundial, senti cada centímetro do seu desamparo, amores angustiados, a relação respeitosa e ambígua com Freud. Minhas mãos queimaram com seus livros em chamas nas fogueiras do Reich - que ironia significativa essas cinco letras - e nos incineradores macarthistas. Senti a dor do exílio, judeu, comunista, psicanalista, excomungado à esquerda e à direita; à esquerda, porque ousou criticar o Partido Comunista Alemão quando da pífia reação diante do ataque dos nazistas e porque era judeu e psicanalista; à direita psicanalista, porque chamaria a atenção do Reich - que repetição significativa irônica e dramática - e porque era comunista. *Sexpol*. Para onde iria? Dinamarca, Suécia, Noruega. De volta à Dinamarca. *Narrenschiff*. Sem ancoradouro. Pensava estar no porto e de novo era lançado a alto-mar. Acreditou, como Marx e Engels, que a América seria dos trabalhadores e sentiu, na pele, o calor das fornalhas inquisitórias e o frio das grades de uma cadeia.

Contudo, viveu a vida como poucos. Com seus bíons, seu orgone, seus orgasmos verdadeiros. Amou cada bebê que com ele dobrava o olhar. Sentiu a pulsação do vivo - da ameba ao humano - e não recuou diante da morte que, desde a infância, o espreitava. Mas tomou tanta pancada, que acabou por reconhecer a pulsão de morte - *DOR, Deadly ORgone*. Aceitou essa derrota,

pois sabia - e defendia - que não se trata de contrariar infantilmente a natureza, como o fazem falsos cientistas e a produção capitalista.

Generoso como poucos. Fumei alguns charutos com ele, em silêncio, ao pôr-do-sol. A sua autobiografia tem um lapso de memória: ele não enfrentou sozinho aquele tira na fila do Teatro Popular (*Volkstheater*). Eu estava lá, quase fomos expulsos e presos juntos, mas ainda deu tempo de assistir aquela peça pobre de Müller sobre a vida de uma prostituta. Também recusamos, juntos, fazer um fraque no alfaiate. Não, nunca usaremos um fraque!

Olhávamos na mesma direção e fazíamos planos de pesquisa. Uma nova descoberta científica sempre aguardava a oportunidade de revolucionar, de levar a humanidade a um novo patamar, mais alto. Irônico, como Marx, dizia aos jovens cientistas norte-americanos que seus microscópios deveriam ser tão bons quanto os carros que sonhavam possuir. Como Virchow, tinha um olho na célula e outro na questão social. Mas queria mais: um olho na célula, outro no espaço. Espaço céu, espaço mar. *Thalassa*, de Ferenczi.

Você retornou, meu velho Willy, você retornou. Pode correr em direção às ondas, como um grego nu e ferido depois de meses vagando no deserto, a gritar *Thalassa! Thalassa!*

Vamos nos encontrar, um dia, no Grande Oceano. A Grande Mãe-Mulher que você tanto queria, estará lá, contigo. Vamos nos encontrar, tenho certeza disso, mas não agora, não agora...